

## ERA UMA VEZ: A PRÁTICA DO CONTO DE HISTÓRIAS NO CONTEXTO DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Lídia de Almeida Rocha<sup>1</sup>  
Maysa Soares Cotrim<sup>2</sup>  
Sandra Alves de Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta alguns momentos experienciados na oficina “Era uma vez...”, desenvolvida no contexto do “Programa de Residência Pedagógica do *Campus XII/UNEB*: práticas de pesquisa e estágio no contexto da formação do pedagogo” do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi, *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia. O objetivo da oficina na escola-campo do Programa de Residência Pedagógica, com a participação de crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, foi vivenciar contações de histórias, utilizando a linguagem grupal e o manuseio de recursos pedagógicos auxiliares no conto de histórias. Com base na revisão bibliográfica sobre a contação de histórias na educação infantil, percebemos que a arte de contar histórias é uma ação praticada há muito tempo, desde as sociedades mais remotas. A partir da oralidade podemos propagar cultura, externar sentimentos e difundir conhecimentos. Em sala de aula é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de habilidades leitoras, auxiliando no crescimento intelectual, emocional e social da criança. Por meio do desenvolvimento da oficina “Era uma vez...”, percebemos que a utilização de materiais pedagógicos pode auxiliar e fazer com que as crianças se sintam participantes da história. A contação fica mais criativa e atrai a atenção das mesmas, vivenciando a fantasia, a imaginação e o desenvolvimento do aspecto lúdico, da observação, da reflexão e da memória. São muitos os incentivos bons que essa ferramenta pedagógica estimula nas crianças de todas as idades.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Educação infantil. Formação docente. Prática pedagógica.

### Introdução

Este resumo expandido apresenta alguns momentos experienciados na oficina de contação de histórias intitulada “Era uma vez...”, desenvolvida no contexto do “Programa de Residência Pedagógica do *Campus XII/UNEB*: Práticas de Pesquisa e Estágio no Contexto da Formação do Pedagogo” do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi, *Campus XII/UNEB*. Essa oficina foi desenvolvida pelas bolsistas residentes (primeira e segunda autora deste resumo expandido com a participação de mais duas bolsistas), no dia 8 de agosto de 2019.

<sup>1</sup>Estudante do curso de Pedagogia – *Campus XII/UNEB*. Residente Bolsista do Programa de Residência Pedagógica/CAPES/UNEB. E-mail: geolly7@gmail.com

<sup>2</sup>Estudante do curso de Pedagogia – *Campus XII/UNEB*. Residente Bolsista do Programa de Residência Pedagógica/CAPES/UNEB. E-mail: maysacotrim@outlook.com

<sup>3</sup>Doutoranda do PPGE/UFJF. Mestra em Educação pelo PPGE/UFSCAR. Professora do *Campus XII/UNEB*. Pesquisadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE)/UNEB e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GREPEM)/UFJF. Docente Orientadora Voluntária do Programa de Residência Pedagógica/CAPES/UNEB. Professora da Educação Básica (Candiba-BA). E-mail: saoliveira@uneb.br

Dentre “as ações do plano de atividades” (CAPES, 2018, p. 10), as bolsistas residentes da Escola Municipal Vereador João Farias Cotrim, localizada na cidade de Guanambi, estado da Bahia, elaboraram e desenvolveram as oficinas: Era uma Vez...; Oficina de Música: Musicalização e Percepção Musical; Embarque nessa Diversão: Vamos Jogar, Brincar e Criar? em comemoração ao Dia do Estudante, com a participação dos estudantes da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, as preceptoras/professoras da educação básica dessa escola-campo do Programa de Residência Pedagógica (PRP), juntamente com as professoras coformadoras que atuam nessa instituição, organizaram os estudantes para participar da oficina de contação de histórias.

O objetivo da oficina “Era uma vez...” foi vivenciar contações de histórias com a participação das crianças. Para tal finalidade, escolhemos quatro histórias: O Vestido Azul, O Lenço, A Folha que Queria ser um Barquinho e Paciência. Elas foram apresentadas com recursos lúdicos como: teatro móvel, fantoches, caixa teatral e o balde criando histórias. Em algumas histórias foram utilizados materiais que as crianças manusearam como: cachecóis, objetos diversos e folha de papel ofício. Os temas variaram entre transformação, imaginação e modificação de vida.

Tencionamos com as contações de histórias desenvolver atitudes de interação com as crianças e seus pares, incentivar a prática da observação, escuta e imaginação. Neste resumo expandido, apresentamos no primeiro tópico uma breve discussão teórica sobre a importância da contação de histórias como ferramenta pedagógica no contexto escolar e no desenvolvimento da criança. No segundo tópico, compartilhamos nossa experiência como bolsistas residentes do PRP, a partir da vivência com a oficina “Era uma vez...”, registrando alguns comentários que julgamos importantes na prática de uma contação de história. Por fim, tecemos nas considerações finais a avaliação e o parecer sobre a contação de histórias a partir da nossa experiência.

### **Reflexões teóricas sobre a contação de histórias no contexto escolar**

Para referenciar a importância da contação de histórias no contexto escolar, no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, fizemos uma pesquisa bibliográfica com os principais teóricos que discutem sobre histórias infanto-juvenil e contação de histórias: Abramovich (1997), Coelho (1999) e Busatto (2003). Para dialogarmos com nossas experiências, através das contações de histórias na oficina “Era uma vez...”, embasando-as teoricamente, utilizamos os principais autores: Tahan (1966), Bamberger (1995), Bettelheim (2002) e Moraes (2012).

A contação de histórias é uma ação praticada desde as antigas civilizações tanto ocidentais quanto orientais, como meio de propagar valores, crenças e tradições. Quando a humanidade ainda não detinha por completo o sistema da escrita, a contação de histórias também desempenhava o papel de deleite aos povos, com os contos populares. Incorporada à prática pedagógica escolar, a contação de histórias através da literatura infanto-juvenil estimula o pensamento racional da criança, pois é necessário a atenção, o ouvir e a fluidez da imaginação ao projetar mentalmente a narrativa presente no texto que é lido.

Como ferramenta pedagógica, a contação de histórias ultrapassa a marcação de uma ação que deve ser incorporada na rotina da educação infantil ou dos anos iniciais do ensino fundamental. Seu principal objetivo não é passar o tempo, é ensinar a criança a hora de parar, escutar, pensar e ver com os olhos da imaginação, como já dizia Abramovich (1995).

É ouvindo histórias que conhecemos um mundo fértil através de nossa imaginação, e quem melhor não colore as histórias a não ser a criança? O medo, a angústia, a alegria, todos os sentimentos são incorporados e sentidos ao escutar uma história. É através dela que criamos e recriamos a nossa própria história de vida. Se os olhos são a janela da alma, uma boa história é o passaporte da vida para outros universos. É através das histórias, segundo Abramovich (1995, p. 17), “que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula”.

Uma boa história deve ser contada com boa vontade, com entusiasmo, com riquezas de entonação rítmica de fala, fazendo com que as crianças se sintam emergidas no enredo da história. Por isso, não é apenas a escuta que se faz importante, o momento de leitura também deve ser compartilhado. O mundo imaginativo da criança é rico em detalhes e emoções que nós adultos perdemos ao longo da vida e parecem ser desconhecidos diante de nós. O espaço para que o aluno se sinta participante do ato de contar histórias é imprescindível para que se crie um ambiente agradável, prazeroso e dinâmico no intuito de desencadear mentes leitoras, não apenas de histórias presentes em livros, mas nos espaços e ações que circundam ao nosso redor.

Busatto (2003) afirma que narrar exige preparo do educador ao contar uma história, não a tornando em uma narração simples e banal. A autora evidencia alguns aspectos que podem e devem ser integrados no momento de contar uma história. A linguagem oral e corporal devem estar em sintonia com a história narrada. Outros elementos podem ser inseridos durante a contação, como: bonecos, fantoches, dedoches, dentre outros. Porém,



## IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



deve-se ter o cuidado desses elementos não limitarem a imaginação das crianças. Devem servir como auxiliares e estimuladores da imaginação, facilitando a concretização da linguagem com as fantasias vistas e imaginadas.

O ato de escutar uma história é a primeira ação para o desenvolvimento da linguagem, influenciando a criança a tornar um indivíduo leitor, pois a contação de histórias contribui para a criança ter contato com variados livros. Mas isso só é possível quando a história é apresentada como uma viagem do pensamento a lugares imaginativos em uma constante conexão com o texto que é proferido. Ouvir história deve ser um processo agradável e não deve servir como pretexto para “ênfasis mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - se ficarem quietos, conto uma história, se isso, se aquilo... - quando o inverso que funciona (ABRAMOVICH, 1995, p. 18). Nesse sentido, o exercício que envolve a história de um livro, sendo contado ou lido, reside em ler por prazer.

Para Coelho (1999, p. 26), “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário, principalmente, aprende a procurar nos livros novas histórias para o seu entretenimento”. Desse modo, a história contada influencia a oralidade, a espontaneidade e o desenvolvimento da fala, leitura e escrita da criança. A literatura infanto-juvenil é marcada pelos textos narrativos que em seus gêneros corroboram para o desencadeamento de ideias que a criança tem sobre uma história, pois suas características consistem em desencadeamento de fatos que permitem a criança visualizar e entender o início, meio e fim de uma história.

### **Momentos experienciados na prática da contação de histórias na oficina “Era uma vez...”**

Durante o planejamento e desenvolvimento da oficina, optamos por criar um ambiente que fosse agradável e que chamasse a atenção das crianças como um convite para a escuta das histórias. O espaço amplo da sala de vídeo favoreceu para criarmos um cenário de leituras. Para isso, arranjamos livros, objetos, caixas, bonecos, fantoches e bichos de pelúcias que tinham ligação com o repertório da literatura infanto-juvenil.

Sobre isso, Moraes (2002) destaca que o momento de contar uma história deve ser precedido por diversas decisões de adaptações. Dentre as decisões, destacam-se: a constituição de um ambiente propício, a criação de um cenário de leituras e os objetos que podem auxiliar como recursos pedagógicos no momento de uma contação de história.

As histórias escolhidas partiram primeiramente dos encantos de nossas vivências com a literatura infanto-juvenil, visto que as boas histórias são aquelas que emocionam as crianças e conseqüentemente os adultos (BETTLEIM, 2002). Por isso, escolhemos quatro histórias

que foram apresentadas durante o processo enquanto estudantes da educação básica e do ensino superior. As histórias foram: “O Vestido Azul”, de autor desconhecido; “O Lenço”, de Patrícia Auerbach; “A folha que Queria ser um Barquinho” e “Paciência”, de autoria desconhecida. Por se tratar de um resumo expandido, relatamos apenas as experiências com duas histórias e uma dinâmica de construção de história coletiva.

A história “O Vestido Azul” conta a narrativa de uma garota humilde que pelas condições financeiras e sociais era excluída na escola. Sua realidade muda ao ser presentada com um lindo vestido azul, transformando não somente sua vida, mas de todas as pessoas do seu bairro. Utilizamos a caixa de teatro como recurso pedagógico por se tratar de uma narrativa longa e que necessitaria de um entretenimento para não despistar a atenção das crianças. Com a história, dialogamos com as crianças que pequenas mudanças vindas de nós mesmos ou de terceiros que nos ajudam, conseguimos grandes transformações em nossa vida e nas vidas das pessoas que estão ao nosso redor. Para Tahan (1996), a história tem esse potencial de experienciar ensinamentos através da ficção, passando a fazer parte como elemento moral para quem a escuta, ao passo que se deparamos com situações semelhantes, somos coagidos a tomar decisões inconsciente que já vivemos na história.

A história “O Lenço”, é composta apenas por imagens. Ao passar as páginas do livro, percebemos a presença de dois personagens: uma criança pequena e o lenço de sua mãe que se transforma em várias coisas através de sua imaginação. O livro dá a possibilidade das crianças de criar, imaginar e contar a história de sua forma, sem que haja medo de errar com as palavras. Convidamos as crianças para participar da história e cada uma tinha a oportunidade de criar algo com o lenço ou o cachecol disponibilizado, em seguida, os outros colegas deveriam adivinhar o que elas estavam representando por meio de lenços. Foi uma dinâmica muito prazerosa, pois todos participaram atentamente e se divertiram em conjunto.

A leitura da imagem é imprescindível para desenvolver a criatividade e a imaginação das crianças. Quando é apresentado um livro cheio de palavras, a maioria não desperta a curiosidade e a atenção, tornando um momento cansativo e desinteressante. Por isso, a leitura da imagem é importante, possibilita que as crianças criem suas próprias histórias, dando vida aos personagens e sentido ao que está lendo. Também é imprescindível para desenvolver a oralidade das crianças, a fala e a escuta de todos.

Outra atividade que desenvolvemos com as crianças e foi rica em aprendizagem referiu-se ao Balde de História. A atividade concerniu que as crianças criassem uma narrativa a partir da retirada de objetos que estavam presentes no balde. Com o nosso auxílio, as crianças criaram em conjunto uma história com sucessão de fatos conexos entre si. Ao final



## IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



da história, as crianças titularam-na “A vida maluca de um menino”. Com essa dinâmica, as crianças puderam compreender o ordenamento temporal que uma história deve ter, além de exercitar a imaginação e a interação coletiva. Conhecer a estrutura narrativa de uma história pode facilitar a compreensão leitora e escrita de um texto. Assim, ao familiarizar com a estrutura de um texto narrativo, o aluno terá facilidade em compreender, antecipar e prever acontecimentos de uma outra leitura lida, escrita ou contada, ocasionando na construção do conhecimento da escrita e na interpretação de variados textos (BAMBERGER, 1995).

### Considerações finais

Através do desenvolvimento da oficina “Era uma vez...”, percebemos que a contação de história é uma ferramenta importante para a prática pedagógica do professor e conseqüentemente para o desenvolvimento integral da criança em todos os seus aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral e social. Destacamos os benefícios dessa ferramenta na sala de aula, aluno e professor criando laços afetivos através de histórias, além da aprendizagem, comunicação, criatividade, leitura e escrita.

### Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Abril, 1995.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CAPES. **Portaria CAPES nº 175 de 7 de agosto de 2018**. Altera o anexo I da Portaria nº 45, de 12 de março de 2018. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: [https://capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/09082018-Portaria\\_175\\_Altera\\_Portaria\\_45\\_de\\_2018.pdf](https://capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/09082018-Portaria_175_Altera_Portaria_45_de_2018.pdf). Acesso em: 10 out. 2019.
- COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.
- MORAES, Fabiano. **Contar histórias**: a arte de brincar com as palavras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.